

Trab. Ling. Aplic., Campinas, 46(2): 233-245, Jul./Dez. 2007

## ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO LINGÜÍSTICO NO COTIDIANO DE UMLAR

### COMMONPLACE CODE-SWITCHING IN THE HOME

DIÓGENES CÂNDIDO DE LIMA\*

**RESUMO:** Alternância de código é um tópico bastante controverso. Por um lado, é visto como o aspecto mais criativo do falar bilíngüe e, por outro, como um sinal de decomposição lingüística. Comenta-se que falantes bilíngües alternam seu código porque não são capazes de aprender duas línguas de maneira adequada nem mantê-las separadamente. Este trabalho teve como objetivo observar exemplos de alternância de código que ocorreram nas conversações da informante, falante nativa da língua inglesa e fluente em português. Ademais, o trabalho procurou observar aspectos gramaticais da alternância de código. Vários exemplos de alternância de código, tanto em nível da palavra quanto da frase e da oração, foram observados. Embora a informante utilize o recurso de alternância de código por vários motivos, notou-se que a maioria das alternâncias deu-se com o objetivo de tirar proveito dos itens lexicais mais disponíveis em sua mente.

**Palavras-chave:** bilingüismo; alternância de código; aquisição de segunda língua.

**ABSTRACT:** Code-switching is on a very controversial issue. On the one hand, it is seen as the most creative aspect of bilingual speech and as a sign of linguistic decay on the other, in the sense that it has been argued that bilinguals code-switch because they are neither able to acquire two languages properly nor maintain them separately. The purpose of this research was to observe the instances of code-switching that occurred in the conversations of the researcher's stepdaughter, a native speaker of English and fluent in Brazilian Portuguese. In addition, the research also tried to observe some grammatical aspects of code-switching. Many single-item switches were observed, as well as switches at the phrase and clause levels. Although the informant switches for several purposes, it was noticed that most of the switches were used in order to take advantage of more readily available lexical items.

**Keywords:** bilingualism; code-switching; second language acquisition.

---

\* Professor de Inglês e de Lingüística Aplicada do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em Vitória da Conquista, Bahia.

## INTRODUÇÃO

Alternância de código, (*code-switching*) por definição, é ligado ao fenômeno bilíngüe. A depender do conceito que se adota sobre bilingüismo, podemos afirmar que mais da metade da população mundial é constituída de pessoas bilíngües. Mesmo em países como o Brasil, considerado monolíngüe, encontram-se várias pessoas de diversas classes sociais e pertencentes a inúmeros grupos que falam duas ou mais línguas. Bilingüismo, contudo, é um termo difícil de definir e, por isso, o fenômeno tem sido alvo de crítica. Os conceitos são considerados vagos e inadequados. Isso, talvez, seja devido ao fato de se tratar de um fenômeno multidimensional em que estão envolvidos aspectos interdisciplinares. Por conseguinte, proponentes de cada área do conhecimento (seja ela do campo da lingüística, da psicologia, da sociologia ou da pedagogia), quando definem o termo, fazem-no levando em consideração seus interesses específicos. Naturalmente, isso não deixa de gerar uma visível confusão, principalmente no campo da lingüística.

Em seu sentido amplo, bilingüismo, segundo Mackey (1968), constitui-se no uso alternado de uma ou mais línguas por um mesmo falante. Grosjean (1982) vai mais além e acrescenta que o indivíduo bilíngüe é o que interage com o mundo através de suas linguagens, ou seja, é aquele capaz de utilizar mais de uma língua, em caráter funcional e em diferentes graus.

Na realidade, para que um indivíduo seja considerado bilíngüe, é necessário que estejam presentes em seu repertório lingüístico pelo menos duas línguas, muito embora não seja necessário que a habilidade de uso dessas línguas tenha que ser necessariamente igual, conforme atesta Baetens Beardsmore (1982), entre muitos outros. Segundo o autor, uma abordagem teórica do assunto deve levar em consideração o comportamento lingüístico muito mais que sua estrutura. O termo bilingüismo não se restringe a situações em que apenas duas línguas são faladas, mas se estende a casos que envolvem multilingüismo ou plurilingüismo. Baetens Beardsmore é de opinião que, ao invés da preocupação de se buscar uma definição do que venha ser bilingüismo, seria mais importante estabelecer-se a diferença entre o que é conhecido por bilingüismo social e bilingüismo individual. Segundo ele, enquanto o bilingüismo social se preocupa com a política lingüística e as recompensas sociais sobre o uso da língua, o bilingüismo individual, por sua vez, trata da representação do uso lingüístico do indivíduo falante de mais de uma língua. De qualquer maneira, o uso de duas ou mais línguas não pode ser dissociado das questões sociolingüísticas, psicossociais, tampouco dos preceitos lingüísticos que regem o bilingüismo familiar.

Na verdade, a alternância de código aqui estudada é algo muito comum em ambiente de bilingüismo familiar. Um tipo de acomodação lingüística ao interlocutor, por assim dizer. Isso não pode ser evitado, mas é importante que os pais de crianças bilíngües estabeleçam regras lingüísticas consistentes para suas crianças e façam com que essas regras sejam, de fato, observadas (Harding; Riley, 1986).

O conhecimento do bilingüismo familiar é de fundamental importância para as famílias que usam duas ou mais línguas no seu dia-a-dia. Por exemplo, segundo Cunningham-Andersson e Andersson (2004) a língua que os pais decidem utilizar em casa, vai, desde o

início, influenciar o sistema de comunicação na família. Os autores aconselham, portanto, que cada um dos pais fale sua língua nativa com sua(s) criança(s), o chamado de método *one-parent-one language* (um pai, uma língua), e que seja reforçada a importância de cada uma dessas línguas. Os autores recomendam, ainda, que os pais devem passar para os seus filhos bilíngües a importância em continuar falando a língua nativa, principalmente se essa for considerada uma língua minoritária (*a minority language*). Existem outros métodos e sistemas discutidos pelos autores (*one parent-one location*, por exemplo) que não serão levados em consideração neste trabalho.

É aconselhável que as crianças aprendam as duas ou mais línguas a que estão expostas dentro do seu próprio ritmo. O que os pais não devem esquecer é de reforçar a importância da alfabetização nessas línguas para que assim a criança possa, desde cedo, compreender o verdadeiro valor de ser bilíngüe. Outras atividades que devem ser encorajadas em um ambiente bilíngüe são as aulas dominicais, e o que se chama na literatura de *home-schooling* ou *home language education*. Além disso, os pais devem ter o cuidado de conversar sempre com suas crianças sobre as atividades cotidianas. Nesse momento de interação, os pais devem ler para seus filhos em sua própria língua e, sempre que possível, fazer as correções necessárias de suas falas.

Por se tratar de um estudo em que são utilizadas alternâncias de representações lingüísticas de uma falante bilíngüe (inglês/português), conforme será explicado mais adiante, este trabalho se baseia nos pressupostos teóricos do bilingüismo individual, propostos por Beardsmore, cujos resultados serão analisados levando em consideração os motivos sugeridos por Grosjean (1982) para alternância de código lingüístico.

Existem várias tipologias de bilíngües, a depender das dimensões psicológicas como sugeridas por Hamer e Blanc (1989). Por exemplo, do ponto de vista da competência lingüística, o indivíduo pode ser considerado um bilíngüe equilibrado - também chamado de *equilíngüe* - ou um bilíngüe desequilibrado. Quando possui a capacidade de falar duas ou mais línguas, com igual fluência, e sem quase nenhuma interferência de uma língua na outra, esse indivíduo é considerado um *equilíngüe*, também conhecido como bilíngüe equilibrado. Esse tipo de bilingüismo é extremamente raro, segundo Fishman et al. (1971), uma vez que a língua é produto de uma experiência variada. Daí a dificuldade de se dominar dois ou mais códigos lingüísticos com a mesma proficiência. Geralmente, a competência lexical, gramatical, semântica, estilística, fonológica, entre outras, do indivíduo bilíngüe varia de um para outro, a depender de variados fatores. Isso faz com que a distinção do grau de bilingüismo seja essencialmente de caráter relativo.

Denomina-se bilíngüe desequilibrado o indivíduo cujo desempenho lingüístico em uma das línguas é mais desenvolvido que na outra. As demais dimensões psicológicas do bilingüismo, tais como organização cognitiva, idade de aquisição, exogeneidade, status sócio-cultural e identidade cultural do falante não serão discutidas aqui.

O que se pretende com este trabalho é fazer uma análise das alternâncias de código produzidas por uma falante bilíngüe, inglês/português, nas conversações travadas no seio do lar com o seu então padrasto, bem como discutir os motivos que levam a falante bilíngüe a alternar o seu código lingüístico.

## 1. ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO

Alternância de código (*code switching*) é um termo utilizado no campo da lingüística, mais especificamente em bilingüismo, para explicar o uso de duas ou mais variedades lingüísticas no ato da fala. Por exemplo, duas pessoas fluentes em inglês e espanhol, quando engajados numa conversação, podem emitir enunciados da seguinte maneira:

La consulta era eight dollars. [A consulta era oito dólares.]  
Porque allí hay cashews. You don't like them? [Porque têm castanhas aí. Você não gosta?]  
(Valdés Fallis, 1976).

Essa alternância de código pode ocorrer em nível da palavra, da frase e da oração. Na realidade, Cook (1991) estima que a alternância de código numa conversação normal ocorre numa média de 84% em nível da palavra, 10% em nível da frase e apenas 6% em nível da oração. Conforme afirma Grosjean (1982), é importante salientar, contudo, que o fenômeno de alternância de código lingüístico é diferente do que se conhece por empréstimo lingüístico, já que, nesse último, as palavras são incorporadas fonológica e morfologicamente à língua base, enquanto que no primeiro, não há integração do vocábulo à língua base. Outro fator que deve ser sempre lembrado é que a alternância de código não é feita de forma arbitrária, mas controlada por regras gramaticais das línguas envolvidas no processo. Quando não utilizada cuidadosamente, a alternância de código pode se transformar em interferência lingüística, segundo alguns autores (Berthold, Mangubhai; Batorowicz, 1997). Conclui-se, portanto, que a alternância de código não se constitui em interferência lingüística, por ser um fenômeno que, além de complementar o ato da fala, tem também seus aspectos sócio-lingüísticos, uma vez que beneficia um determinado grupo social no processo da comunicação, na busca da solidariedade e da sua identidade cultural.

De acordo com Cook (1991), o fenômeno de alternância de código pode ser utilizado como um mecanismo de fundamentação no desenvolvimento lingüístico do aprendiz de uma língua estrangeira, já que o mesmo pode transitar pelas duas ou mais línguas e utilizar aquela que lhe for mais apropriada para uma determinada situação. Cook (1989) nos apresenta uma outra situação em que o processo de alternância de código pode ser utilizado como um instrumento para o ensino de uma língua estrangeira: os alunos são aconselhados a alternar o código lingüístico em uma situação pré-determinada em que o papel do professor e o do aluno é alternado. Assim fazendo, a aula torna-se mais interessante e a abordagem mais comunicativa.

Considerado, por muito tempo, como um tópico periférico e visto de maneira negativa, tanto por monolíngües quanto por bilíngües, por acharem que tal fenômeno indica, entre outras coisas, que o falante não domina nenhuma das línguas, apenas recentemente tem-se dispensado certa importância ao processo de *code-switching*. No Brasil, por ser um país basicamente monolíngüe, apesar da existência de uma infinidade de línguas indígenas e de imigrantes aqui faladas, muito pouco se tem produzido sobre o assunto (Mello, 2001). De fato, conforme atesta a autora, é até estranho falar em bilingüismo em nosso país, uma vez que o contato com outras línguas entre os brasileiros parece ser algo supérfluo e difícil de

ser atingido. Isso tem certo fundamento, considerando que a existência das diversas línguas aqui faladas não parece afetar, em absoluto, a nossa integridade lingüística. Há, contudo, os que acreditam que a língua portuguesa precisa ser protegida contra a invasão dos estrangeirismos e das imposições políticas, culturais, sociais e de valores a que somos submetidos através do poder de outras línguas (Lima, 2002).

Existem dois tipos fundamentais de alternância de código: a metafórica, que envolve mudança de tópico, e a situacional, que lida com mudança em nível de estratégia e de participante. Ambas são, de acordo com Hymes (1972), motivadas por fatores externos ao falante. Ademais, há a alternância de código intersentencial, que é utilizada quando se quer enfatizar algo na comunicação, sinalizar para uma mudança de interlocutor, indicar a quem a frase é dirigida ou simplesmente para citar alguém. A intra-sentencial é utilizada em nível da frase, da oração ou da palavra sem que ocorra adaptação morfológica.

Outros autores, Darbène e Moore (1995), por exemplo, classificam o *code-switching* em segmental, quando a frase desempenha várias funções, e unitário, quando apenas um elemento é afetado. De acordo com Cook (1991), a alternância de código mais freqüente é a intra-sentencial unitária, que consiste na inserção de uma única palavra da outra língua no discurso. Essa palavra, quando inserida, pode ou não se adaptar à estrutura fonológica do idioma base. De acordo com Grosjean (1982), a língua de base utilizada numa conversação entre bilíngües é determinada por fatores tais como a situação, o assunto, sua função e os participantes da interação.

## 2. RAZÕES PARA ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO

Existem vários motivos que levam à alternância de código, por se tratar de um fenômeno que faz parte da competência pragmática do sujeito bilíngüe. Crystal (1987) cita, entre muitos outros, a possibilidade de o falante não se sentir suficientemente capaz de se expressar numa determinada língua e, em conseqüência, mudar para outra tentando compensar essa deficiência. Isso pode acontecer, conforme atestam vários bilíngües, quando o falante se sente aborrecido, enraivecido, cansado, distraído ou com preguiça de buscar a palavra na língua base, por qualquer razão. Alguns bilíngües reportam que determinado conceito pode ser expresso melhor em uma língua que em outra. Valdés Fallis (1976) observou que bilíngües em inglês e espanhol, no sudoeste dos Estados Unidos, costumam alternar seus códigos quando conversam sobre dinheiro, talvez pelo fato de a transação mercadológica entre essas pessoas ser feita em inglês. O tópico da conversa tem, de fato, uma grande influência no *code-switching*. Outros motivos aparentes são quando o falante deseja demonstrar solidariedade para com o seu grupo, excluir alguém da conversa ou expressar determinada atitude. Falantes monolíngües fazem uso desse recurso através da mudança na formalidade do discurso, ou da alternância estilística.

Grosjean (1982), citado em Moura (1997, p. 85), elenca, de maneira sistemática, os motivos mais comuns para alternância de código. São eles:

1. suprir uma necessidade de vocabulário, de marcador discursivo;
2. continuar a conversa na última língua empregada;
3. citar alguém;
4. especificar o interlocutor;
5. qualificar a mensagem, tornando-a mais ampla ou dando-lhe ênfase;
6. personalizar a mensagem, especificando o envolvimento do falante;
7. marcar a identidade com o grupo, demonstrando solidariedade;
8. transmitir intimidade, fúria, aborrecimento;
9. excluir alguém da conversa;
10. modificar o papel do falante, aumentando seu status ou outorgando-lhe mais autoridade.

Conforme afirmado na parte introdutória deste trabalho, esta pesquisa teve como objetivo principal fazer uma análise das alternâncias de código produzidas por uma falante bilíngüe, inglês/português, nas conversações travadas no seio do lar com o seu então padrasto, bem como discutir os motivos que levaram a falante bilíngüe a alternar o seu código lingüístico. Os dados serão analisados com base nos motivos citados anteriormente.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O sujeito desta pesquisa é uma falante nativa de língua inglesa, doravante referida como Kat, que veio para o Brasil aos 11 anos de idade, em companhia de sua mãe, também falante nativa de língua inglesa, e do seu então padrasto, brasileiro nato e fluente em língua inglesa. A informante passou por um grande período de silêncio, somente começando a emitir algumas palavras em língua portuguesa após começar a frequentar aulas num colégio da cidade onde reside. Naturalmente, com o passar do tempo, Kat foi aprendendo o português e, no momento da realização desta pesquisa, já com 16 anos de idade, era considerada fluente na língua alvo.

Muito embora, em casa, a língua oficial da família tenha sempre sido o inglês, à medida que Kat ia se tornando mais segura no novo idioma, percebia-se que ela fazia constantemente uso do recurso de alternância de código quando falava com seu padrasto, o que o levou a fazer um levantamento dessas ocorrências com o objetivo de pesquisar em que circunstâncias o *code-switching* era feito, e quais os possíveis motivos que a levavam a assim proceder.

Os dados foram coletados principalmente em situações em que a família se encontrava reunida durante as refeições ou em outros momentos domésticos no seio do lar. Assim que a informante fazia uso do recurso em estudo, o pesquisador memorizava o enunciado e o anotava imediatamente tal como fora proferido. Isso foi feito, esporadicamente, durante um período de mais ou menos três meses, o que resultou em número suficiente de vinhetas para análise. Para preservar a intimidade da família e da informante, nem todos os enunciados serão aqui descritos. Vale salientar, contudo, que a informante havia sido notificada da pesquisa, e que houve aquiescência por parte dela para que o trabalho fosse levado avante.

Foram coletados vários exemplos de alternância de código para análise, os quais são aqui elencados e agrupados de acordo com os possíveis motivos e razões para tais alternâncias. Vale salientar que alguns itens poderiam, muito bem, pertencer a mais de um grupo, dada sua abrangência de significado. Contudo, o autor achou por bem não fazer essa distribuição para não complicar a análise dos dados. Os contextos sociolinguísticos em que as alternâncias de código ocorrem serão descritos, sempre que possível, para melhor entendimento e compreensão dos itens alternados. Os dados transcritos para análise são abaixo discriminados dentro de cada grupo específico:

Grupo A – Suprir necessidade de vocabulário e de marcador discursivo:

1. I don't know if they are all *confiáveis*. (Eu Não sei se eles são todos confiáveis.). Contexto: referindo-se a alguns de seus colegas.

2. Can I tell you a joke? It is very *nojenta* though. (Posso lhe contar uma piada? É muito nojenta, entretanto.). Contexto: estávamos à mesa e a informante me perguntou se podia contar uma piada que talvez não fosse apropriada para o momento.

3. Could you pass the *farinha*, please? (Você poderia passar a farinha, por favor?). Contexto: também à mesa.

4. Aren't they afraid to cross the *pinguela*? (Eles não têm medo de atravessar a pinguela?). Contexto: em uma de nossas viagens, deparamos com uma ponte quebrada, por conta das fortes chuvas que caíam na região. As pessoas estavam atravessando o rio através de uma pinguela muito estreita e perigosa.

5. She is finally in the *novela* again. (Finalmente, ela está na novela outra vez.) Contexto: falando de certa atriz que há tempo não aparecia na tela.

6. Just because we were reading some exotic things, they called us *macumbeiros*. (Só porque nós estávamos lendo algo exótico, eles nos chamaram de macumbeiros.). Contexto: houve uma época em que Kat lia muitos livros de Paulo Coelho e de outros autores do gênero. Por esse motivo, alguns colegas faziam tais comentários.

7. He looks like a *malandro*, but he is not. He is *evangélico*. (Ele parece com um malandro, mas não é. Ele é evangélico.). Contexto: falando de uns de seus colegas e de sua aparência.

8. I think I am a *conquistadora*. Once I *conquisto* someone, I loose the enthusiasm. (Eu acho que sou uma conquistadora. Assim que eu conquisto alguém eu perco o entusiasmo.). Contexto: fazendo referência a ela própria e a sua falta de entusiasmo por alguém em quem estava interessada antes de conquistá-lo.

9. They have seen each other a couple of times, but it started to *esquentar* last night. (Eles haviam se encontrado algumas vezes, mas começou a esquentar ontem à noite.) Contexto: fazendo referência a um casal de namorados, amigo seu.

10. She was supposed to meet me here, but she can't come because she has *caganeira*. (Ela vinha se encontrar comigo aqui, mas não pode porque ela está com caganeira). Contexto: pedindo-me uma carona para levá-la à casa de sua amiga e apresentando justificativa para tal.



11. I met him at the *retiro*. (Eu o conheci no retiro.);

12. The theme of the *retiro* was to know yourself better. (O tema do retiro foi se conhecer melhor.);

13. When we got there we had tempo *livre*, then we had *prece* and the *evangelho*. (Quando chegamos lá tivemos tempo livre e depois fizemos prece e o evangelho.). Contexto: nas vinhetas 11,12 e 13 Kat está falando de um retiro em que participou durante um período de carnaval fora de época, no qual conheceu a pessoa com quem estava namorando.

14. I act with *frieza*. (Eu ajo com frieza.). Contexto: dizendo de seu comportamento frente aos paqueras.

15. We wrote an *abaixo-assinado* not to have class on Friday, but it didn't work. (Fizemos um abaixo-assinado pra não haver aula na sexta-feira, mas não funcionou.). Contexto: a informante está reportando um movimento feito na escola para suspensão das aulas.

16. The teachers had an *assembléia* yesterday. (Os professores tiveram uma assembléia ontem.). Contexto: falando a respeito da greve dos professores em sua escola.

17. He is *malvado*. He played trick on me. (Ele é malvado. Ele jogou sujo comigo.). Contexto: referindo-se a um colega.

18. The second *assunto* was about *relevos*. (O segundo assunto foi sobre relevos.);

19. The teacher only asked us to do a *fichamento*. (A professora nos pediu apenas pra fazer um fichamento.). Contexto: nos itens 18 e 19 Kat está falando das atividades escolares daquele dia.

20. They don't have a *gerente* for the store. (Eles não têm um gerente para a loja.). Contexto: referindo-se aos pais de um amigo, donos de uma loja.

21. She is *morena* and she is also very *ciumenta*. (Ela é morena e também muito ciumenta.). Contexto: descrevendo a namorada de um ex-namorado seu.

22. They are having a *promoção*. Besides, *o horário é reduzido*, now. (Eles estão tendo uma promoção. Além do mais, o horário agora é reduzido.). Contexto: reagindo a uma observação que o pesquisador fez com relação ao longo tempo em que a informante se encontrava falando ao telefone.

23. I have *campanha do quilo* today. Don't you remember? (Tenho campanha do quilo hoje. Você não se lembra?). Contexto: Falando de seus planos para aquele dia.

24. You need to take my *transferência* and my *histórico* to the School. They are asking for them. (Você precisa levar minha transferência e meu histórico para a escola. Eles estão pedindo.). Contexto: Kat freqüentou várias escolas antes de se adaptar a uma delas. Aqui, ela está pedindo ao seu padrasto para levar os seus documentos para a nova escola que estava freqüentando.

25. The teacher said that the author wrote *cabaço*, instead of *cabeça*. What does *cabaço* mean? (O professor disse que o autor escreveu cabaço, ao invés de cabeça. O que é cabaço?). Contexto: comentando sobre um erro que um de seus professores encontrou no livro didático, e querendo saber o significado da última palavra em destaque.



Grupo B – Adágios, gírias e expressões sem tradução adequada na língua nativa.

1. You know, they like to *fofocar* a lot. (Você sabe, eles gostam de fofocar muito.);
2. He is going to *quebrar a cara*. (Ele vai quebrar a cara.);
3. She has a “*ficante*” *sério*. (Ela tem um “ficante” sério.).
4. He wrote her a letter *esculachando com ela*. (Ele escreveu uma carta esculachando com ela.);
5. He is no *pé dela*, but she is so *bruta*. (Ele está no pé dela, mas ela é tão bruta.);
6. She likes to *ficar* with a lot of guys. (Ela gosta de ficar com muitos rapazes.);
7. I gave a *bronca nela*. (Eu dei uma bronca nela.);
8. I felt *pena* of her. (Eu senti pena dela.) Contexto: nos itens de 1 a 8 acima, a informante está se referindo a alguns/algumas colegas.
9. D. Are you dating anybody? (D. Você está namorando alguém?) No, I’m *paquerando*. (Não, estou paquerando.) Contexto: respondendo a uma pergunta feita pelo pesquisador sobre sua vida amorosa.
10. I like it but it is very *patricinha*. (Eu gosto, mas é muito patricinha.). Contexto: comentário feito sobre uma blusa que o seu padrasto lhe havia dado de presente.

Grupo C – Continuar a conversa na última língua empregada.

1. He told me that I should *jogar o charme pra cima dele*. (Ele me disse que eu deveria jogar charme pra cima dele.). Contexto: reportando um conselho que lhe foi dado por um amigo sobre alguém em que estava interessada.
2. I think he is *espírita não praticante*. (Eu acho que ele é espírita não praticante.);
3. That guy is a *grude*. *Namorado ciumento não dá certo*. (O cara é um grude. Namorado ciumento não dá certo.). Contexto: nos itens 2 e 3, a informante está se referindo a amigos ou colegas.

Grupo D - Citar alguém:

1. She told me “*you should lascar um beijo nele*”. (Ela me disse: “você deve lascar o beijo nele”). Contexto: reportando um conselho que lhe foi dado por uma amiga a respeito de um pretendente.
2. The teacher said “hi”. *Aquele puxa-saco*. He kept on saying “*D. é ótimo, maravilhoso, íntegro...*” (O professor mandou um alô pra você. Aquele puxa-saco. Ele seguia dizendo “D. é ótimo, maravilhoso, íntegro...”);
3. He said: “*ela está na palma da minha mão*”. (Ele disse: “ela está na palma da minha mão”). Contexto: passando um recado que foi mandado por um de seus professores, ex-aluno do pesquisador.
4. The teacher said that *todos mexicanos* who cross the border are killed. *Todos!* That’s an exaggeration. (A professora falou que todos os mexicanos que atravessam a

fronteira são mortos. Todos! Isso é um exagero.). Contexto: comentando uma colocação feita pela professora de História que a deixou muito irritada.

5.He told me that I should *jogar o charme pra cima dele*. (Ele me disse que eu deveria jogar charme pra cima dele.) Contexto: mais uma vez, a informante está falando de um conselho dado a ela por alguém.

Grupo E – Demonstrar intimidade, solidariedade e frustração:

1. *Não vou fazer o terceiro ano aqui. Deus me livra; Deus não deixa.* I'll never pass the *vestibular*. (Não vou fazer o terceiro ano aqui. Deus me livra; Deus não deixa. Eu nunca passarei no vestibular.). Contexto: mostrando sua preocupação com o exame para ingresso na universidade brasileira.

2.I heard that *roubaram* o seu celular. Did you call the *Telebahia* to cancel the line? Why don't you go to the *feira do rolo* to see if you can find it? (Ouvi dizer que roubaram o seu celular. Você ligou para Telebahia pra cancelar a linha? Por que você não vai à feira do rolo pra ver se você consegue encontrá-lo?). Contexto: tive meu celular roubado enquanto fazia compras em uma feira livre na cidade onde residimos. A informante tomou conhecimento do fato e fez o comentário acima.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme era de se esperar, percebe-se, por parte da informante, uma infinidade de alternância de código intra-sentencial, quer em sua forma unitária, quer em sua forma segmental. Percebe-se, também, o uso do code-switching por razões diversas, as quais serão aqui interpretadas, com base na lista sugerida por Grosjean (1982) e citada em Moura (1997), no corpo deste trabalho.

Conforme se pode observar, principalmente no Grupo A, a grande maioria das ocorrências do *code-switching* se dá em nível da palavra, conforme estima Cook, e com adaptação perfeita do termo à língua base. Em muitos casos, nota-se que no momento da interação a falante não tem o léxico disponível em sua memória e utiliza-se do fenômeno para suprir uma necessidade de vocabulário. Esse recurso pode ser visivelmente observado em quase todos os exemplos desse grupo. O que se observa ainda é que, conforme já comprovado por Scotton (1979), Kat utiliza muitas palavras que foram aprendidas em português e para as quais ela não parece ter disponível em seu repertório lingüístico o termo equivalente na língua base, a exemplo das alternâncias 2, 3, 4, 5, 7, 10, 15, etc, do grupo A; ou ainda porque aquele vocábulo não tem uma tradução adequada na língua nativa. Neste estudo, este fenômeno pode ser constatado, principalmente, quando se trata de gíria e de expressões coloquiais, a exemplo das vinhetas de número 1, 2, 3, 5, 8, 10, 12 do grupo B. Adágios, gírias, e algumas expressões metafóricas e idiomáticas possuem uma carga cultural muito grande que pode ser perdida quando tais palavras são traduzidas para outra língua.

Nos exemplos de número 1 e 2 do grupo C, a informante alterna o código para continuar a conversa na última língua empregada, ou seja, o português. Existem algumas ocorrências do fenômeno de *code-switching* para citar alguém, principalmente em seu discurso direto, conforme se verifica em todos os exemplos do grupo D. Por outro lado, o enunciado de número 2, do grupo E, pode ser interpretado como uma maneira utilizada pela informante para demonstrar intimidade com seu interlocutor. Supõe-se ainda que, através do exemplo 1 desse mesmo grupo, Kat esteja demonstrando certo nível de frustração no que diz respeito ao método utilizado para se ingressar no sistema educacional superior neste país. Há também a possibilidade de que a informante esteja querendo qualificar sua mensagem, dando-lhe certa ênfase. Esse tom enfático, bem como certo grau de aborrecimento, é percebido na alternância de código número 4 do grupo D. Percebe-se também que Kat está querendo ser solidária com seu interlocutor quando alterna o código, na vinheta 2 do grupo E, ao aconselhá-lo a tomar algumas providências quanto ao incidente ocorrido com ele, com relação ao roubo do seu telefone celular. Entretanto, a expressão “feira do rolo” introduzida pela informante em seu discurso de língua inglesa pode também indicar a falta de um vocábulo correspondente, já que se trata de uma expressão não muito comum em sua língua materna.

Além das razões citadas acima para o uso do *code-switching*, tem-se conhecimento de outros motivos para a realização de tal fenômeno. Grosjean (1982), por exemplo, reporta que a maioria dos bilíngües apresenta a desculpa de preguiça para justificar esse comportamento. Outros dizem utilizar do *code-switching* quando estão falando sobre determinado tópico. Segundo essas pessoas, é mais fácil expressar determinado assunto em determinada língua. Isso parece acontecer com a informante desta pesquisa. Percebe-se que sempre que o assunto se refere à escola, ela faz uso da alternância de código para o português. Nota-se, também, certa preguiça dela em procurar o vocábulo na língua em que está falando, o inglês, e, por isso, opta pelo português, como uma saída fácil. Esses dois exemplos ocorrem em quase todos os itens coletados. O que parece óbvio também é a alternância de código da informante quando ela se encontra aborrecida ou com raiva. Isso pode ser notado, claramente, na vinheta 4, do grupo D.

Não foi percebida nenhuma alternância de código motivada por status ou poder, mesmo porque a língua utilizada para interação era o inglês, idioma considerado muito poderoso, pelo menos do ponto de vista político. Tampouco se notou ocorrência de *code-switching* com a finalidade de excluir alguém da conversa. Considerando que tanto o inglês quanto o português eram idiomas comuns aos membros da família, não havia como excluir alguém da conversa, a não ser a empregada, a quem era dirigida em português, mas que, devido à convivência diária com o idioma base, já entendia alguma coisa, a depender do contexto. Apesar da convivência essencialmente bilíngüe, curiosamente, o fenômeno de *code-switching*, só ocorria por parte de Kat quando esta se dirigia ao seu padrasto. Esse comportamento talvez se explique pelo fato de mãe e filha jamais interagirem na língua portuguesa, mesmo na presença de falantes dessa língua. Apesar de a informante conversar com o pesquisador sempre em inglês, na presença de falantes de português os dois interagiam na língua materna do pesquisador, por uma questão de respeito e educação aos presentes.

## 5. CONCLUSÃO

Pôde-se observar, através deste trabalho, que existem várias razões e motivos através dos quais uma pessoa bilíngüe alterna o seu código lingüístico. Naturalmente, isso só é possível quando ambos ou todos os interlocutores envolvidos na interação compartilham as mesmas línguas, quer nativas ou aprendidas como segunda língua ou como língua estrangeira.

No caso específico deste estudo, foram tomadas como base as razões e motivos sugeridos por Grosjean (1982) citados em Moura (1997). Após análise das ocorrências de *code-switching* apresentadas pela informante desta pesquisa, notou-se a presença de quase todos os fatores motivadores de tal fenômeno, descritos na literatura. Contudo, diferentemente do que se poderia esperar, o fenômeno em pauta não interferiu, em nenhum momento, na comunicação entre os interlocutores. Pelo contrário, foram criadas condições para que essa comunicação se realizasse, promovendo, dessa maneira, condições e oportunidades para o desenvolvimento lingüístico e capacidade de expressão. Notou-se também que a justaposição das línguas envolvidas no processo não afetou suas normas sintáticas.

Em síntese, entendeu-se que todo e qualquer exemplo de alternância de código executado por Kat tinha o principal objetivo de se expressar da melhor maneira possível e de dar um melhor significado a sua mensagem.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAETENS BEARDSMORE, H. (1986). *Bilingualism: basic principles*. 2. ed. San Diego: College Hill Press.
- BERTHOLD, M.; MANGUBHAI, R.; BATOROWICZ, K. (1997). *Bilingualism & multiculturalism: study book*. Toowoomba Distance Education Centre, University of Southern Queensland.
- COOK, V. (1989). Reciprocal language teaching: another alternative. *Modern English Teacher*, v. 16, n. 3-4, pp. 48-53.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Second language learning and language teaching*. Melbourne: Edward Arnold/Hodder Headline Group.
- CRYSTAL, D. (1987). *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CUNNINGHAM-ANDERSON, U.; ANDERSON, S. (2004). *Growing up with two languages: a practical guide*. Routledge (Taylor and Francis).
- DARBÈNE, L.; MOORE, D. (1995). Bilingual speech of migrant people. In: Milroy, L.; Muysken, P. *One speaker, two languages*. Cross-disciplinary perspectives on code-switching. Cambridge: Cambridge University Press.
- FISHMAN, J. et al. (1971). *Bilingualism in the barrio*. Bloomington: Indiana University. Language Science Monographs.

- GROSJEAN, F. (1982). *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press.
- HAMERS, J. F.; BLANC, M. H. (1989). *Bilinguality and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HARDING, E; RILEY, P. (1986). *The bilingual family: a handbook for parents*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- HYMES, D. H. (1972). On communicative competence. In: Pride, J. B.; Holmes, J. (Ed.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin.
- LIMA, D. C. de. (2002). Nomes de estabelecimentos comerciais em Inglês: a alma dos negócios. *Signum*, Vitória, ES, ano 3, n. 2, jan./jun.
- MACKEY, W. F. (1968). The description of bilingualism. In: Fishman, L. A. *Readings in the sociology of language*. The Hague: Mouton.
- MELLO, H. A. B. de. (2001). Perfil sociolinguístico de uma comunidade bilíngüe da zona rural de Goiás. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, RS, n. 4, pp. 61-92, jul.
- MOURA, I. M. de. (1997). *Tradição lingüística e lealdade cultural: a alternância de código no discurso bilíngüe*. 1997. 183 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas. Escola de Educação.
- VALDÉS FALLIS, G. (1976). Social interaction and code-switching patterns: a case study of Spanish/English alternation. In: Keller, G. et al. (Ed.) *Bilingualism in the bicentennial and beyond*. New York: Bilingual Press.

Recebido: 01/02/2006

Aceito: 06/02/2007